

A NEGAÇÃO DA MORTE COMO NEGAÇÃO DO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO.¹

Manuela Emiliano Blanco²
Paulo Ferreira Bonfatti³

RESUMO:

Este artigo tem como finalidade analisar a perspectiva da negação da realidade da morte e suas possíveis implicações psíquicas, por meio da Psicologia Junguiana, através de dois pontos principais: a relação com a morte através da História e o processo de individuação e a morte. A discussão em foco, busca construir relações entre temáticas de caráter qualitativo e de perspectiva narrativa, por meio de uma revisão bibliográfica exploratória. Em princípio, a fim de compreender tal negação, é fundamental uma contextualização histórica, desde a era medieval aos dias atuais, para elucidar como a morte passou de ser entendida como natural para ser compreendida como um fracasso. Ao abordar quais as possíveis implicações dessa percepção na psique, bem como analisar questões elementares para o processo de individuação, foi possível concluir que a morte foi colocada na sombra (tanto em nível pessoal quanto coletivo). Como resultado da tentativa de evitação ou negação da morte, nega-se também a vida, levando a um distanciamento e paralisação do processo de transformação e crescimento psíquico.

Palavras-chave: Negação. Morte. Psicologia Junguiana. Individuação. Sombra.

THE DENIAL OF DEATH AS A DENIAL OF THE INDIVIDUATION PROCESS

ABSTRACT

This article aims to analyze the perspective of denying death and its possible psychic implications, through Jungian Psychology in two main points: The relationship with death through History and the individuation process and death. The discussion seeks to build relationship between of a qualitative methodology and a narrative perspective, through an exploratory literature review. In order to understand such denial, a historical contextualization, from the medieval era to the present day, is essential to elucidate how death went from being understood as natural to a failure. By addressing the possible implications of this perception on the psyche, as well as analyzing elementary issues for the Individuation Process, it was possible to conclude that death was placed in the shadow (both on a personal and collective level). As a result of the attempt to

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas Clínicas. Recebido em 26/10/2021 e aprovado, após reformulações, em 26/11/2021.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:manuelakdc1@hotmail.com

³ Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: paulobonfatti@hotmail.com

avoid or deny death, life is also denied, leading to a distancing and paralysis of the transformation process and psychic growth.

Keywords: Negation. Death. Jungian Psychology. Individuation. Shadow.

INTRODUÇÃO

A morte está presente em diversas esferas da vida, seja de forma concreta ou simbólica, nos contos, mitos e, principalmente, na contemporaneidade, em que o mundo é assolado pela pandemia da Covid-19. Nesse sentido, Paiva (2011) salienta que existem diversos tipos de morte: a perda de uma determinada concepção de família com a separação dos pais, o falecimento de um animal de estimação ou de um ente querido e a frustração em não conseguir alcançar algo. Porém, existe uma perspectiva que todos os tipos de morte têm em comum: a dor e o sofrimento psíquico.

Hillman (1993) indica que a temática da morte deveria ser mais explorada pela Psicologia. Assim, o presente estudo buscará se aprofundar nos impactos da negação da morte, considerando que esse é um aspecto importante para o processo de individuação que seria um processo de transformação e crescimento psíquico. Para isso, inicialmente, entende-se que seja relevante uma contextualização histórica para a compreensão sobre a morte e seus reflexos psicológicos a partir do referencial da Psicologia Analítica.

A relação que se estabelece com a realidade da morte está em constante transformação, ainda que lenta e gradual (ARIÈS, 2012). Atualmente, vivencia-se a morte de maneira velada, evitando-a cada vez mais. Paiva (2011), indica que exista uma banalização da morte que leva a um distanciamento do tema. Em virtude disso, qual o motivo da morte ser negada? Se é um assunto negado, como é possível ampliar os olhares em relação a essa vivência? Quais seriam os impactos dessa negação?

Bauman (2008) afirma que o ser humano, por ter consciência da inevitabilidade da morte, enfrenta o desafio de lidar com esse conhecimento. Essa consciência de finitude suscita inseguranças, como o medo do desconhecido, e influenciado por esse medo, distancia-se da temática. Entretanto, quanto mais distante dessa discussão, maior a perspectiva terrível sobre a morte (PAIVA, 2011).

Compreende-se que nem sempre a relação com a temática da morte tenha sido de evitação. Na era medieval, havia uma familiaridade em lidar com a morte, ainda que seus aspectos espirituais (por influência da religião) fossem mais temidos do que o próprio evento (ARIÈS, 2012). Atualmente, apesar da proximidade com a ciência, que poderia proporcionar conforto quanto aos assuntos relacionados a morte, o que percebemos é o oposto, a morte é vista atualmente como um fracasso (KÜBLER-ROSS, 1996).

Desta maneira, percebe-se que o desenvolvimento humano está atrelado ao espírito da época, de modo que, atualmente, vivencia-se a negação da morte em detrimento da vida (KOVACS, 1992). Jung (2000, p.3), discursa sobre a unilateralidade da consciência na contemporaneidade:

Nossa sociedade civilizada exige uma atividade concentrada e dirigida da consciência, acarretando, desse modo, o risco de um considerável distanciamento do inconsciente. Quanto mais capazes formos de nos afastar do inconsciente por um funcionamento dirigido, tanto maior é a possibilidade de surgir uma forte contraposição, a qual quando irrompe, pode ter consequências desagradáveis.

Em corroboração com esse pensamento, Jaffé (1983) afirma que tal unilateralização da consciência racional implica na supressão dos aspectos tanto psíquicos quanto instintivos, o que pode se compreender como a base de muitas neuroses e outras psicopatologias do ser humano contemporâneo, pois um dos significativos aspectos da individuação é a assimilação de opostos (conscientes e inconscientes) para que se complementem. Dessa forma, a exaltação de apenas um polo desses opostos implicaria em uma paralisação do processo de transformação.

Hillman (1993, p.90) indica que à medida que se vivência algum tipo de morte junto “[...] vêm a solidão e o vazio. A cada vez algo se imobiliza.” Em conformidade com esse pensamento, Souza (2017) percebe que a maioria das pessoas apresentam reações que sinalizam um sofrimento como efeito da experiência da perda, seja material ou imaterial. Tal atitude poderia ser expressa na psique como uma imobilidade no processo de individuação, como será exposto mais adiante. Isso posto, compreende-se a relevância da morte, tal como a do nascimento. Hillman (1993, p. 87), aponta que:

Os outros símbolos de transformação (como por exemplo nascimento, crescimento, transições de lugar e tempo) todos indicam abertamente um estágio seguinte. Apresentam este próximo estágio antes que o atual esteja terminado. Revelam novas possibilidades, permitindo a esperança; ao passo que a experiência da morte nunca é sentida como transição.

A experiência da morte é uma transformação desafiadora. Hillman (1993, p. 89) ressalta que em um processo analítico “[...] um indivíduo encontra a morte por todo lado, especialmente nos sonhos.” Compreende-se que as discussões acerca da morte suscitam o amadurecimento e o crescimento do ser humano (PAIVA, 2011).

Assim, o presente artigo pretende analisar a perspectiva da negação da realidade da morte na contemporaneidade e as possíveis implicações psíquicas dessa negação por meio de uma revisão bibliográfica exploratória, que busca aprofundar e construir relações entre temáticas de caráter qualitativo e narrativo. Tendo como perspectiva que a morte é uma realidade inexorável e uma certeza que o ser humano possui, conjectura-se que negar essa condição seria também inibir a vida, como afirma Hillman (1993).

A RELAÇÃO COM A MORTE ATRAVÉS DA HISTÓRIA

“Quando horas se passarem
Eu fecharei meus olhos
Em um mundo distante
Nós podemos nos encontrar novamente
Mas agora ouça a minha canção.”
Blind Guardian

O antropólogo Ernest Becker, em sua obra **A negação da morte** (1995), aponta que o medo da morte é um dos aspectos primordiais que movem o ser humano. Ele ressalta que muito do que se admira no herói é a coragem de enfrentar o fim da vida. Entretanto, o autor traz provas antropológicas de que a morte já foi em outrora, mais motivo para comemoração do que para o medo, ainda que ela traga estranheza ao pensamento ocidental.

Becker (1995) afirma que o medo da morte está universalmente presente no funcionamento psicológico, ainda que por vezes o ser humano se comporte como se ele não existisse. O medo está por trás da sensação de insegurança diante do perigo, além de estar presente nos diversos estados fóbicos, nas neuroses de angústia, nos estados depressivos e esquizofrênicos, evidenciando a inevitabilidade do aspecto

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 85-106, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

finito do ser humano. Esse temor seria então uma expressão de autopreservação, que funciona como um constante impulso de manter a vida e “driblar” os perigos que a ameaçam.

Phillipe Ariès (2012), historiador e medievalista, dedica-se ao estudo sobre os costumes fúnebres, devoção aos mortos, veneração aos túmulos e como essa relação foi se transformando com o tempo. Em seu livro, **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias, relata as diferentes formas de experienciar a morte ao longo da história e aponta o aspecto enigmático desse tema, que fascina e aterroriza ao mesmo tempo.

Ariès (2012) chama atenção para a lentidão nas mudanças na maneira de vivenciar a morte durante a história, sendo marcada por longos períodos de imobilidade. Da idade média até o século XVIII, viveu-se o que o autor chamou de “morte domada”, diferentemente do que se vive hoje, a “morte interdita”, sendo, esta segunda, uma relação velada, na qual se tenta, inclusive, evitar falar sobre essa etapa, que faz parte da vida. Na tentativa de lidar com os confrontos com a morte, podem ser vistas diversas transformações nos costumes e ritos em velar seus familiares.

Na era medieval, a “[...] a morte era raramente súbita, mesmo em caso de acidente ou de guerra [...] era quase sempre anunciada – numa época em que as doenças pouco graves eram quase sempre mortais.” (ARIÈS, 2012, p.215). Por isso, ao primeiro sinal da iminência de morte, o quarto do moribundo era convertido em um espaço público preenchido por parentes, filhos e amigos. Tal situação é diferente do que se vê atualmente, em que as pessoas são levadas para morrer nos ambientes hospitalares (KOVÁCS, 1992).

Desse modo, os medievos que estavam prestes a morrer eram responsáveis pela organização e distribuição de seus bens, assim como os cuidados com seu próprio corpo. Tal relação com a morte foi chamada por Ariès (2012) de “morte domada”, que é diferente da morte interdita supracitada. (ARIÈS, 2012).

Por volta do século XIII, com a dimensão espiritual⁴ suscitada pela igreja, surge a concepção de purgatório, indicando um relacionamento entre os vivos e os

⁴ Para Ariès (2012), o historiador da morte não deve ler as atitudes diante da morte tal como o historiador das religiões. Em corroboração a essa ideia, analisamos suas colocações pelo viés psicológico e não metafísico.

mortos. Ariès (2012) afirma que, apesar da estreita relação com a morte, as sociedades procuravam manter distância dos mortos e essa seria uma das razões para que os cemitérios fossem localizados afastados das cidades.

Influenciados pelos aspectos religiosos, compreendia-se popularmente que os rituais, missas e orações seriam formas de apaziguar os espíritos dos que já se foram para que não perturbassem os vivos. A justificativa para essas ações é que as pessoas temiam mais a dimensão espiritual da morte do que a biológica (ARIÈS, 2012).

Em meados do século XV e XVI, a morte começa a deixar de ser assunto restrito da igreja e passa a ser visível, principalmente nas produções artísticas, muitas delas teológicas. Esse fato demonstra que a consciência e o evento da morte atingiriam a todos, até mesmo o nobre, o moribundo ou o sacerdote. Tal visibilidade, por meio de esculturas e pinturas, por exemplo, traz a percepção da deterioração do corpo, incitando a necessidade do entendimento da existência em nível espiritual ligando, assim, a morte à religião. Isso é entendido por Ariès (2012) como uma recusa em aceitar o fim do corpo físico.

Ainda conforme Ariès (2012), no século XVII, os cemitérios não eram um lugar apenas para depositar os corpos que eram confiados à igreja, mas também um espaço de asilo. Os cemitérios tornavam-se um lugar de confraternização e até mesmo de habitação, sendo utilizado para festas, danças e comércio. Entretanto, apenas no final do século XVII:

[...] começa-se a perceber sinais de intolerância, é preciso admitir que durante mais de um milênio estava-se perfeitamente acomodado a esta promiscuidade entre os vivos e os mortos. Os espetáculos dos mortos, cujos ossos afloravam à superfície dos cemitérios, como o crânio de Hamlet, não impressionava mais os vivos que a ideia de sua própria morte. Estavam tão familiarizados com os mortos quanto com a sua própria morte (ARIÈS, 2012, p. 49).

A relação com a morte na era medieval pôde ser expressa por meio de pinturas, em que são nomeadas como “dança macabra”, “danças com os mortos”. Essas expressões artísticas descrevem imagens de figuras da realeza, do clero, comerciantes, crianças e mulheres em meio a uma dança com caveiras e cadáveres em decomposição, o que, segundo Schmitt (2017, p. 236), demonstra a forma que o

“[...] medievo encarava a vida e o seu fim.”, além de apontar a importância de estar consciente sobre o inevitável acontecimento da morte.

A mentalidade racionalista que surgia e que, desde os séculos XV e XVI, ganhava força, compreendia nessas imagens medievais vestígios de um pensamento supersticioso (SCHMITT, 2017), com isso, percebe-se que a natureza e a razão começavam a possuir destaque. Questões sanitárias passavam a ser relevantes, entendendo que, inclusive, a decomposição dos mortos poderia afetar o ambiente de maneira infecciosa, sendo danosa aos vivos (ARIÈS, 2012).

Assim, a finitude, a morte e a decomposição do corpo (seja por questões fortuitas, velhice ou alguma enfermidade) passam a ser uma percepção da fragilidade do ser humano. Dessa maneira, ao se aproximar da velhice, o adulto do século XVIII passa a experimentar cada vez mais cedo um sentimento de fracasso por não ter alcançado o que almejava em sua juventude. Tal conscientização de fragilidade, finitude e individualidade faz com que o indivíduo reconheça a si próprio em sua morte (ARIÈS, 2012).

A tomada de consciência de si leva a um desejo de conservar a identidade. Isso é demonstrado por Ariès (2012) ao tratar da necessidade de identificar as sepulturas, na tentativa de lembrar-se do falecido, o que ocorre a partir do século XVI e perdura até hoje. Ao estabelecer tal relação, inicia-se uma nova atribuição de sentido à morte, dando espaço agora à preocupação com a morte do outro, que irá inspirar a lembrança e a saudade. A preocupação para com os sentimentos daqueles que ficavam era demonstrada por meio de rituais, que funcionam como um continente psíquico para elaboração do luto (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988).

Por conseguinte, percebe-se que a morte, que costumava ser “domada”, agora produz aspectos que incitam angústias e medos. Sendo assim, a ideia da morte do outro passa a ser uma lembrança da própria morte (KOVÁCS, 1992). Segundo Ariès (2012), em meados do século XIX, é perceptível o movimento crescente de distanciamento da sociedade desse evento. Começa-se a tentar, por exemplo, omitir a gravidade do estado de saúde de uma pessoa para que possa afastar-se das possíveis perturbações causadas pela agonia de se deparar com a ideia do fim da vida - atitudes que percebemos ainda hoje.

Sendo assim, no século XX os padrões que tangem à morte vão se transformando. Paralelamente, ocorre o desenvolvimento técnico-científico, que faz com que a morte seja cada vez menos considerada. O “[...] materialismo e o racionalismo passaram a ser mais valiosos do que aquilo que é natural e espiritual.” (GUANDALINI, 2010, p. 18-19). Agora, a morte é sinônimo de fracasso e a expressão da dor é cada vez mais suprimida, sendo associada à fraqueza, pois a “[...] sociedade capitalista não suporta ver os sinais da morte.” (KOVACS, 1992, p.151).

A princípio, as pessoas eram veladas em casa, próximas de seus familiares, e essa dinâmica permitia que os envolvidos participassem das discussões e temores, dando-lhes o conforto do luto compartilhado e atuando como um incentivo para encarar a morte como parte da vida, ou seja, essa experiência propiciava o crescimento e o amadurecimento das pessoas frente à temática. Porém, aos poucos, essas vivências foram sendo substituídas pelos ambientes hospitalares, provocando, assim, um distanciamento de tal evento, enfatizando a ideia de que era algo a ser evitado (KÜBLER-ROSS, 1996).

Nas palavras de Kovács (1992, p. 38), “[...] a sociedade expulsou a morte para proteger a vida.” E, por conseguinte, a morte passa a não ser considerada como natural, mas como um fracasso. Maranhão (1987, p. 11), a partir de uma perspectiva filosófica, irá dizer que:

Numa sociedade como a nossa, completamente dirigida para a produtividade e o progresso, não se pensa na morte e fala-se dela o menos possível. Os novos costumes exigem que a morte seja o objeto ausente das conversas educadas. Quando, porém, apesar de tudo é necessário fazer alusões a ela, recorre-se a eufemismos que ajudam a disfarçá-la. Assim, dentro do contexto hospitalar, o paciente não morre: “expira”, “se perde na mesa”, “vai a óbito”, é “SWAT negativo” (“swat – expressão utilizada para designar a equipe de reanimação cardíaca do hospital), ou, se está agonizando, é “paciente com síndrome de JEC” (Jesus está chamando) [outro eufemismo médico é a expressão “êxito letal”]. Mesmo nos comunicados de guerra não se fala em mortos, mas em desaparecidos; os soldados não morrem, “dão baixa”, “tombam no campo de batalha”. O morto na linguagem policial, é “presunto” e o assassino um “liquidar” [...] Designando o morrer como algo impessoal e os mortos como coisas, encobre-se o fenômeno.

Dessa maneira, mesmo que o tema faça parte da construção humana, é visto como um tabu e se oculta sistematicamente a morte e os mortos (MARANHÃO, 1987).

Kübler-Ross (1996) afirma que, ao invés de obter-se maior autonomia nos assuntos relacionados à morte, por conta do avanço da ciência, o que acontece é o **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 85-106, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483**

oposto. Para a autora, essa aproximação da ciência deveria fornecer um maior conforto para preparar o indivíduo e a sua família para esse acontecimento inevitável, porém “Quanto mais avançamos na ciência, mais parece que tememos e negamos a realidade da morte.” (KÜBLER-ROSS, 1996, p. 19)

Atualmente, em meio à pandemia da Covid-19, anunciada em 11 março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (BRASIL, 2020), é realidade, no Brasil, que parte da população nega os procedimentos de cautela que se deve ter para prevenir o contágio. Tal atitude de desabono pode ser observada por uma minimização dos riscos provocadas pelo vírus, ligada a uma série de demonstrações que fomentam e desqualificam os protocolos de saúde, consistindo, assim, em recusa de prevenções, vinculadas a um discurso negacionista do próprio representante máximo do país (CALIL, 2021), bem como demonstrando, uma negação da possibilidade da morte.

No entanto, Giamattey (2021) aponta que a geração contemporânea, até então, não havia tido contato com o alto índice de mortalidade em tão pouco tempo, como foi provocado pelo vírus SARS-CoV-2⁵. Dessa forma, a pandemia possui intenso impacto psicológico, tanto individual quanto coletivo, e não apenas epidemiológico. A nova demanda de enterros impacta a forma de lidar com a morte. Já os rituais fúnebres, que possuem papel fundamental na elaboração do luto, estão sendo reformulados e acredita-se que os impactos psíquicos individuais e coletivos só poderão ser mensurados com um distanciamento temporal.

O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO E A MORTE

“É como um pianista e seu piano: se você destruir o piano, você não vai mais escutar a música, mas o pianista ainda está lá.”
Marie Louise von Franz

Ao nos aproximarmos de uma compreensão do fenômeno da morte pela perspectiva psicológica e não metafísica, faz-se necessário contextualizarmos essa perspectiva, para a Psicologia Junguiana:

⁵ Coronavirus Disease, que posteriormente passou a ser chamado apenas de COVID-19 (GIAMATTEY, 2021).

[...] o nascimento e a morte são assumidos como dois [...] motivos e são comparáveis por meio de uma representação espacial em que a vida é uma linha compreendida entre tais extremidades, isto é, diz-se que a vida humana tem início com o nascimento e tem termo com a morte, mas também se diz que entre esses dois eventos não existe nada em comum, e que eles são dados juntos apenas em uma [...] experiência [...] paradoxal. O que sobretudo diferencia os dois eventos é o fato de que no nascimento o inconsciente⁶, enquanto aquilo do qual não existe saber [...], vem antes e, portanto, o futuro se apresenta como longa promessa de existência, enquanto no caso da morte aquilo que vem antes é um passado mais ou menos longo, e o inconsciente vem depois. Ou seja, a morte é limite da vida tanto no sentido de que é a sua presença latente que lhe confere significado (PIERI, 2002, p.329).

Dessa maneira, falar sobre a morte é também falar sobre a vida. A existência limita-se ao curto espaço de tempo entre o começo e fim, que é separado apenas para distinguir um processo do outro (JUNG, 2000), ou seja, são processos que se complementam. A “[...] vida adquire seu valor através da morte, [...] a morte e a existência não são contrários psicológicos.” (HILLMAN, 1993).

Da mesma forma, Jung (2000, p. 359) irá exemplificar, em sua obra **A Natureza da Psique**, que a “[...] curva da vida é como uma parábola de um projétil que retorna ao seu estado de repouso, depois de ter sido perturbado no seu estado de repouso inicial.” Sendo assim, a vida e a morte são compreendidas como parte do mesmo processo, e não enquanto opostos.

A consciência tende a evitar a realidade da morte, porém não lidar com a morte é equivalente a dificultar a vida. Jung (2000) afirma que a natureza possui uma maneira de forjar o ser humano para a morte, visto que ela faz parte do processo de individuação.

Esse processo, possibilita desenvolver-se enquanto um ser único, integrado, está relacionado ao processo de desenvolvimento da consciência, entretanto, nada tem a ver com tornar-se individualista ou egoísta (JUNG, 1978). Assim, Stein (2006) aponta que o processo de individuação não é absolutamente de cunho biológico, mas psicológico (STEIN, 2006).

O desenvolvimento da consciência é processual. Inicialmente nota-se um estágio em que a consciência e o inconsciente são indiferenciados, o indivíduo e o mundo são entendidos como um. Tal estado, pode ser ilustrado pela perspectiva da

⁶ De acordo com Jung, inconsciente é um “[...] conceito-limite psicológico que abrange todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, isto é, que não estão relacionados com o eu de modo perceptível.” (JUNG, 1991, p. 424).

relação do bebê-mãe no início da vida. Gradualmente, inicia-se pequenas diferenciações entre o eu e o mundo e as projeções passam a ser mais direcionadas (STEIN, 2006).

Progressivamente,

[...] dá-se conta de que os portadores de projeções específicas não são idênticos às projeções que trazem em si. As pessoas que trouxeram consigo as projeções podem sair detrás das projeções e, como resultado, elas tornam-se frequentemente desidealizadas (STEIN, 2006, p. 162)

Assim, para que esse processo de desenvolvimento psíquico aconteça, é necessária a diferenciação. A diferenciação faz parte do crescimento psicológico, assim, torna-se uma exigência do processo de individuação, pois quando a sombra e o ego não estão diferenciados existe uma fusão e para que uma síntese consciente seja possível é necessário um movimento de diferenciação-assimilação (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988).

Percebe-se que Jung tem como premissa uma visão finalista, ou seja, um movimento para um objetivo (STEIN, 2006). Com isso, caminha-se no sentido do crescimento e à medida que se depara com experiências, tanto de amplitude interna como externa, emana-se um alargamento na capacidade de crescer (JUNG, 2014, p. 123).

O processo de transformação é decorrente da amplificação da consciência, por meio da função compensatória da psique. Desse modo, a função autorreguladora da psique buscará compensar o aspecto de unilateralidade da consciência com elementos inconscientes por meios simbólicos, como por exemplo, pelos sonhos, mitos e alegorias (JUNG, 2000). Dessa forma:

Quando as partes inconscientes da personalidade se tornam conscientes, produz-se não só uma assimilação delas à personalidade do ego, anteriormente existente, como sobretudo uma transformação desta última. A grande dificuldade está justamente em descrever a maneira como se dá esta transformação (JUNG, 2000, p. 160).

Compreende-se que o processo de transformação está intimamente ligado à função transcendente (JUNG, 1991). A função transcendente é fruto de um encontro de opostos psíquicos que resultam, dialeticamente, numa terceira instância até então

não existente, mas que seu surgimento gera uma transformação. Assim, a função transcendente implica no surgimento de uma perspectiva simbólica de transformação de um estado a outro, e toda transformação é um processo de morte e renascimento (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988).

Sendo assim, em sua entrevista Face a Face⁷, Jung (1977) indica que se pode compreender que a morte tenha tanta relevância quanto o nascimento. Porém, este fim é incerto, pois parte da psique aponta para uma “[...] espécie de existência psíquica para além do tempo e do espaço” (JUNG, 1977, p. 382). Portanto, é possível compreender a morte como um objetivo da vida, pois:

O inconsciente simplesmente ignora isso. A vida comporta-se como se fossem continuar e, por isso, penso ser preferível para uma pessoa idosa continuar vivendo como se a vida não fosse acabar, aguardar o dia seguinte como se tivesse ainda muitos séculos pela frente. Então viverá da maneira adequada. Mas quando a pessoa tem medo, quando deixa de olhar em frente e passa a olhar apenas para o passado, ela petrifica-se, torna-se hirta, e morre antes do tempo. Se ela continua vivendo na expectativa da grande aventura que tem pela frente, então viverá – e isso é o que o inconsciente pretende fazer. É óbvio, evidentemente, que todos vamos morrer um dia, e esse é o triste final de tudo, no entanto, existe algo em nós que, segundo parece, não acredita nisso. *Mas trata-se meramente de um fato psicológico, não significa que prove alguma coisa.* É simplesmente assim. Por exemplo, posso não saber porque necessito de sal, mas prefiro comer sal porque me sinto melhor. E assim, quando você pensa de uma certa maneira pode sentir-se consideravelmente melhor, e acho que se você pensar de acordo com as diretrizes da natureza, então pensará melhor. (JUNG, 1977, p. 383 grifo nosso).

De acordo com Bauman (2008, p. 46), “[...] o medo se origina, não da morte batendo à porta, mas de nosso conhecimento de que isso certamente ocorrerá, mais cedo ou mais tarde [...]”. O autor aludido acredita que pensar na inevitabilidade da morte mantém o indivíduo no caminho da vida, desde que tenha um propósito, o que corrobora o pensamento de Jung (1977, p. 384) que o ser humano “[...] não pode suportar uma vida vazia e sem sentido.” Entretanto, é também o medo que instiga a assumir uma posição defensiva ao produzir uma sensação de desordem a qual tenta-

⁷ Essa entrevista foi concedida ao repórter John Freeman para o programa *Face to face* da BBC. O impacto no grande público foi tão grande que a mesma suscitou a publicação do livro **O homem e seus símbolos** (JUNG, 2017) que objetivava apresentar ao público leigo as ideias de Jung (FREEMAN, 2017).

se evitar (BAUMAN, 2007), mas, ao atribuir sentido, “[...] pode-se viver, mesmo em condições pouco favoráveis.” (FRANZ, 2020, p.82).

Franz (1984) aponta que a psique pode dar diretrizes sobre a questão da morte. A autora também afirma que, por intermédio dos sonhos, a psique prepararia o indivíduo para a morte, pois existe algo de inexpressável nas experiências de morte, que através dos sonhos apresentam maiores possibilidades de serem elaboradas.

Além disso, segundo essa autora, os sonhos seriam produtos de atividades psíquicas inconscientes que, por meio do mecanismo compensatório, buscam reparar os conflitos da mente consciente. Desse modo, através dos sonhos pode-se conhecer conteúdos que não são plenamente conscientes. Quando o assunto é a morte, principalmente na segunda metade da vida⁸, símbolos referentes a mesma recebem maior energia na vida onírica (FRANZ, 1984).

A energia psíquica está vinculada a transformação, sendo a psique “[...] descrita como um sistema fechado em que a energia psíquica está em constante fluxo, do consciente para o inconsciente, e vice-versa.” (SÁ, 2011, p. 30), para que, assim, encontre equilíbrio (JUNG, 2013). Portanto, por conta da variação de energia em certos conteúdos, eles se tornariam inconscientes (pela perda de energia) ou conscientes (pelo investimento de energia). Tal ação permitiria a produção de diferentes símbolos⁹.

Assim, de acordo com Jacobi (1957), a transformação da energia psíquica, chamada de bipolar, advém de uma constante junção e cisão de elementos opostos, em que de síntese em síntese (do material inconsciente e consciente), o símbolo pode transformar essa energia e, por meio dos sonhos, pode ser entendida simbolicamente.

Segundo Jung (2017, p. 22), foi “[...] o estudo dos sonhos que permitiu, inicialmente, aos psicólogos investigar o aspecto inconsciente de ocorrências

⁸ Compreende-se a primeira metade da vida geralmente ligada a um desenvolvimento físico até atingir seu ápice por volta dos trinta e cinco, quarenta anos. A partir dos quarenta anos, mais ou menos, têm-se a segunda metade da vida, em que fatores de declínios orgânicos, como rugas e flacidez, ficam evidentes, sendo lembretes do envelhecimento e da proximidade com a morte (STEIN, 2006). Sendo assim, a temática pode passar a receber maior energia psíquica.

⁹ Segundo Samuels, Shorter e Plaut (1988), esses desempenham um papel mediador, permanecem como um enigma duradouro e propiciam transição e ampliam a perspectiva sob um conflito. Além disso, nunca seriam excedentes de significados, sendo impossível esgotar plenamente sua acepção (KAST, 1997).

psíquicas conscientes.” Sendo assim, os sonhos são fundamentais para sondar as formas de fantasias e simbolização do ser humano.

Jung (2021), em **Memórias, Sonhos, Reflexões**, irá discorrer sobre suas perspectivas a respeito da morte. A partir de uma minuciosa observação de seus sonhos e dos sonhos de outros, o autor pôde compreender que “[...] as pessoas se interessam ardentemente pelo resultado final, psicológico de uma vida humana [...]” (JUNG, 2021, p. 303). Frequentemente, o inconsciente buscará compensar na consciência o que lhe carece.

Jung (2021) descreve, a partir de um relato de sonho, que uma pessoa era constantemente assediada por sonhos que tentavam abordar a temática da morte, porém o sonhador buscava de forma consciente afastar-se dessa ideia. Diante disso, lhe era negada a “[...] oportunidade de familiarizar-se precisamente com essa possibilidade.” (JUNG, 2021, p.303). Ele ainda observa que:

O inconsciente nos dá uma oportunidade, pelas comunicações e alusões metafóricas que oferece. É também capaz de comunicar-nos aquilo que, pela lógica, não podemos saber. Pensemos nos fenômenos de sincronicidade, nos sonhos premonitórios e nos pressentimentos! (JUNG, 2021, p.300).

Compreende-se que o inconsciente busca constantemente ser “ouvido” pela consciência, e Jung (2021) afirma que quanto mais atento a essa comunicação ou sinais, mais será possível integrarmos a nossa vida, pois tudo aquilo que não é assimilado pelo ego será projetado na dimensão psíquica da sombra (STEIN, 2006).

À sombra pertencem os conteúdos da psique que são estranhos ao ego, o lado oculto do indivíduo e que muitas vezes lhe causa repulsa (HOLLIS, 2004). Samuels, Shorter e Plaut (1988, p. 204) definem a sombra como um aglomerado de “[...] qualidades desagradáveis que o sujeito quer esconder, lado inferior, sem valor, e primitivo da natureza do homem.” Quando uma pessoa entra em contato com a sua sombra, fica consciente de seus conteúdos e, em muitos casos, envergonhada. Entretanto, essa sombra também possui desconhecidas possibilidades e potencialidades, mas assimilar tais aspectos à consciência não é tarefa fácil (FRANZ, 2017).

Considerando que a sombra seria uma parte psíquica onde se localizam conteúdos psíquicos ignorados pela luz da consciência, pode-se depreender que,

contemporaneamente, a morte foi colocada na sombra, isso tanto em nível pessoal, quanto coletivo¹⁰, pois a cultura vigente não lida com a morte como também busca ignorá-la. Franz (2017, p. 229) afirma que a “[...] sombra só se torna hostil quando ignorada ou incompreendida.”, o que resultaria em um afastamento do processo de transformação (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988). Dessa maneira, a morte será vivenciada de forma “[...] dilacerante, feia, cruel e cheia de sofrimento.” (HILLMAN, 1993, p.77). Ocorre uma sinergia de negação da morte, tanto individual, quanto coletivamente.

A sombra possui aspectos positivos e negativos, portanto, deve-se assimilar esses dois polos nas experiências ao invés de torná-las ocultas (FRANZ, 2017). Jaffé (1983, p. 96) ressalta que “[...] o objetivo da individuação não é o homem perfeito, mas o homem completo com a sua luz e com sua escuridão.” Portanto, lançar a luz da consciência na morte que está na sombra torna o ser humano contemporâneo mais consciente da própria sombra e da morte, assim, ele estará em maiores condições de assimilá-la, o que irá contribuir para o processo de individuação.

Nesse sentido, de acordo com Jaffé (1983), o processo de individuação tem seu prelúdio a partir da consciência de aspectos sombrios que estão ocultos. Sendo assim, compreende-se que a negação de determinado aspecto da psique e sua não assimilação pode influenciar em uma paralisação do processo de individuação (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988).

Um exemplo de não assimilação da sombra é visto no filme **Dr. Jekyll and Mr. Hyde** (2002), de Maurice Phillips. Nesta obra, percebe-se a dualidade psíquica que é compreendida como persona e sombra, de modo que a persona é uma espécie de máscara social em que se desempenha determinados papéis esperados pelo contexto (STEIN, 2006). No caso do filme, o conceito é demonstrado pelo personagem do médico, que sufocava seus principais sentimentos para ocupar o lugar esperado pela sociedade. Já no personagem nomeado como *Mr. Hyde*¹¹, pode-se compreender

¹⁰ A psique é descrita, contendo além da consciência, uma instância inconsciente pessoal e outra coletiva, sendo que a instância pessoal conteria aspectos das experiências individuais, já a coletiva estaria vinculada a uma camada mais profunda (JUNG, 1978).

¹¹ A palavra *hide* em inglês, que se pronuncia do mesmo modo como o nome do personagem, quer dizer esconder. Faz-se uma analogia com o lado obscuro e sombrio que se quer esconder (STEVENSON, 2013).

aspectos da sombra, que, segundo Stein (2006), seriam questões de difícil assimilação que a consciência rejeita, ainda que tenha potenciais criativos.

No decorrer do filme, percebe-se que **Dr. Jekyll e Mr. Hyde** são a mesma pessoa, assim como a persona e a sombra coexistem numa mesma instância psíquica. Porém, na tentativa de suprimir um aspecto em detrimento do outro, provoca-se a inflação¹² da sombra que o médico tentara eliminar, culminando numa cisão do ego. E ao se esforçar para eliminar o *Mr. Hyde* – ou sua própria sombra –, acaba eliminando a si mesmo, sem proporcionar uma integração desses aspectos que eram negados.

Sendo assim, Hollis (2004, p. 48), afirma que “[...] quando qualquer coisa é levada ao seu extremo – torna-se unilateral e automática – ela tem o potencial de ser dogmática, e até com o tempo demoníaca [...]”, resultando, assim, na paralisação do processo de transformação.

A dificuldade de reconhecer limites, como comportamentos compulsivos, transtornos de humor, “[...] não aceitação dos ciclos da vida [...] ou seu oposto, [...] desvalorizar a vida [...] não encontrar sentido para ela, dificuldade em aceitar o envelhecimento, não aceitação e não elaboração das perdas [...]” são alguns dos indicativos de uma possível paralisação do processo de individuação, de acordo com Souza (2017, p. 175-176).

Percebe-se que a paralisação do processo de individuação emite sinais por meio de sintomas de que a consciência demanda transformações, sendo necessário, ampliar as reflexões acerca do sintoma e retomar o fluxo do processo de transformação (SOUZA, 2017). Entretanto, é comum notar tentativas de driblar a dor suscitada pela morte, como afastar-se de condições que instiguem as lembranças. Porém, ignorar a temática da morte não facilita o processo, mas dificulta as possibilidades transformações que a circunstância exige (HOLLIS, 2004).

A negação da morte é compreensível pelo ponto de vista do ego, no entanto, distanciar-se desse assunto não facilita a relação que estabelecemos com a finitude. Afinal:

¹² Identificar-se em grau maior ou menor de forma unilateral com um dos aspectos da psique (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988, p.112).

Todos nós conhecemos pessoas que lamentam a perda dos bons e velhos dias [...] se apegam à música do passado, costumes do passado, às atitudes do passado. Essa nostalgia é compreensível, mas ao mesmo tempo também é regressiva. Quando lembramos de que a palavra “nostalgia” vem do grego *nostos* significa “dor pelo lar”, entendemos tanto seu apelo quanto seu perigo. Claro que podemos desejar valorizar amigos, lugares e experiências do passado. Carregá-los conosco é a forma como nós honramos seu valor para conosco. Mas a nostalgia também é uma desculpa para evitarmos o crescimento, para nos recusarmos chegar ao próximo passo de nossa jornada, especialmente suas partes dolorosas. (HOLLIS, 2004, p. 123)

Dessa forma, crescer significa arriscar-se no mistério inexplorado, flexibilizar certezas preconcebidas e a maneira pela qual se atribui significado à vida, se o indivíduo está ou não atento à própria mortalidade (HOLLIS, 2004). Assim, faz-se necessário desempenhar novos papéis, transformando não apenas a visão do mundo, mas também de si (PARKES, 1998).

Compreende-se que a assimilação da sombra é um aspecto fundamental para que não se coloque emoções difíceis ou partes entendidas como inaceitáveis da personalidade em outras pessoas ou em condições externas (SAMUELS; SHORTER; PLAUT, 1988). Ou seja, é necessário que se integre os conteúdos sombrios para que não sejam projetados nos outros. No esforço de raciocínio que se quer empreender aqui, a negação da morte faz com que o processo de individuação se torne distante e paralisado.

Jacobi (1967) pontua que constantemente vivenciam-se mortes e renascimentos, pois toda mudança passa de um estado a outro, do sono para a para a vigília, do inconsciente para um saber consciente. Dessa maneira, a vida pode ser compreendida por sua transformação, visto que sempre há a morte e algo é deixado para trás. O autor ainda disserta que cada transformação é também um mistério, que pode ser assimilado como renascimento. Dessa forma, somos intimados “[...], psicologicamente, a morrer para o velho eu para que o novo possa nascer.” (HOLLIS, 2020, p.20).

Ao se debruçar sobre as reflexões acerca da morte, percebe-se o movimento insistente de ressignificação, em que se é possível vislumbrar apenas “[...] alguns breves momentos numa terra totalmente desconhecida, da qual sempre estamos separados pela neblina [...], esses momentos comprovam o enfoque de Jung de que

o processo de individuação também é uma preparação para a morte [...]", ou seja, para transformação (FRANZ, 1980, p. 109).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate antropológico e histórico tornou-se fundamental para tentar construir um maior entendimento do complexo relacionamento do ser humano com a morte num espectro que varia de uma relação de familiaridade até uma condição repulsão e negação. Dessa maneira, é compreensível que, por vezes, o sujeito seja tentado a evitar relacionar-se com a temática da morte. Entretanto, essa evitação não tornaria menos difícil as transformações que as circunstâncias de morte e renascimento exigem.

Para que a ampliação dos olhares em relação à vivência da morte seja mais facilitada, é necessário que a morte seja entendida como parte de um processo existencial e, conseqüentemente, psíquico. Como parte de tal processo, é razoável que os indivíduos se deparem com dor e sofrimento, mas também com amadurecimento e crescimento. Em nível consciente, a morte é cercada de crenças e mistérios, no entanto, para o inconsciente, ela não é vista como um fim, e sim como um estágio. Contudo, por meio dos mitos, lendas, sonhos e produções artísticas, por exemplo, é possível ampliar nossa visão a respeito da temática da morte e desenvolver uma relação mais íntima e real com a mesma.

O que se tentou apontar nesse esforço acadêmico, com os possíveis impactos da negação da realidade da morte poderiam resultar em sintomas que indica um distanciamento do processo de transformação. Assim, caso tenha se logrado êxito nesse esforço, a negação da morte seria também a negação do processo de individuação.

Além da negação contemporânea da morte, observou-se que o ser humano está sendo confrontado de forma implacável da realidade da morte diante da pandemia mundial da Covid-19, resultando em um expressivo impacto psicológico, tanto coletivo como individual. No entanto, ainda que a relação com a morte esteja em constante transformação, ela acontece de forma morosa e processual. Portanto, será

necessário um distanciamento temporal e novos estudos para que essas mudanças sejam evidenciadas e aprofundadas nessa vivência coletiva da pandemia.

O presente artigo não possui a pretensão de esgotar as discussões, mas de ampliar os olhares sobre a perspectiva da morte, visto que o assunto é tratado como tabu e, muitas vezes, permanece na sombra coletiva. Considera-se que trazer o tema da morte à luz do ambiente acadêmico é uma maneira de contribuir para a oportunidade de discussão da temática da morte e os impactos nos diversos campos não só da Psicologia como em diversos outros. Apesar de ser uma empreitada desafiadora, o diálogo sobre o tema pode proporcionar contribuições para melhor lidar com a morte, percebendo-a como parte de um mesmo processo que a vida, não como instância oposta, o que ampliaria as possibilidades de elaboração e, conseqüentemente, de transformação e crescimento psicológico.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECKER, E. **A negação da morte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

BRASIL,. **OMS Classifica coronavírus como pandemia**: infecção atinge pacientes em todos os continentes do mundo. Brasil é o protagonista na resposta à doença, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>. Acesso em: 29 set. 2021.

CALIL, G.G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade** [online]. 2021, n. 140. p. 30-47. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.236>. Acesso em 29 set. 2021.

DR. JEKYLL and Mr. Hyde. Produção de Maurice Phillips. Reino Unido: Universal City Studios , 2002. DVD (120 minutos).

FRANZ, M.L.V. **A Busca do Sentido**. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANZ, M.L.V. Experiências arquetípicas nas proximidades da morte. In: JAFFÉ, A.

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 85-106, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483

FREY-ROHN, L.; FRANZ, M.L.V. **A morte à luz da psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1980.

FRANZ, M.L.V. **Os sonhos e a morte**: uma interpretação Junguiana. São Paulo: Cutrix, 1984.

FRANZ, M.L.V. Processo de Individuação. *In*: JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

FREEMAN, J. Introdução. *In*: JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017

GIAMATTLEY, M. E. P. *et al.* **Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto**: possíveis reverberações. Dissertação (dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. [online]. 2022, v. 26, n. spe. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0208>. Acesso em: 06 out. 2021.

GUANDALINI, F. C. **As transformações da relação do homem com a morte**. 2010. 64 f. Monografia (Monografia de especialização) – Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <http://www.symbolon.com.br/monografias/Felipe%20Correa%20Guandalini%20-%20AS%20TRANSFORMACOES%20DA%20RELACAO%20DO%20HOMEM%20COM%20A%20MORTE.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

HILLMAN, J. **Suicídio e Alma**. Petrópolis: Vozes, 1993.

HOLLIS, J. **A Passagem do meio**: da miséria ao significado da meia idade. 15 ed. São Paulo: Paulus, 2020.

HOLLIS, James. **Nesta jornada que chamamos vida**: vivendo as questões. São Paulo: Paulus, 2004.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cutrix, 1957.

JAFFÉ, A. FREY-ROHN, L.; FRANZ, M.L.V. **A morte à luz da psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1980.

JAFFÉ, A. **O mito do significado**: na obra de C. G. Jung. São Paulo: Cultrix, 1983.

JUNG, C. G. A energia psíquica. *In*: JUNG, C.G. **A Dinâmica do Inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C.G. A entrevista face a face. *In*: McGUIRE, W. HULL, R. F. C. **C.J.Jung**: Entrevistas e Encontros. São Paulo: Cultrix, 1977.

- JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, C.G. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.
- KAST, V. **A dinâmica dos símbolos**: Fundamentos da psicoterapia junguiana. São Paulo: Loyola, 1997.
- KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm a ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos próprios parentes. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PAIVA, L.E. **A arte de falar da morte para crianças**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.
- PARKES, C. M. **Luto**: Estudos Sobre A Perda Na Vida Adulta. São Paulo: Summus, 1998.
- PIERI, P. F. **Dicionário Junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.
- SÁ, L. C. M. O simbolismo da morte na mitologia indígena brasileira: uma abordagem Junguiana. 2011. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15043>> Acesso em: 27 abr. 2021
- SAMUELS, A; SHORTER, B; PLAUT, F. **Dicionário crítico de Análise Junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- SCHMITT, J. O estudo das Danças Macabras medievais: entre o visível, o oculto e o destruído. **Revista ARA**, [S. l.], n. 3, p. 233-253, 2017. DOI: 10.11606/issn.2525-8354.v0i3p233-253. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaara/article/view/139433>. Acesso em: 18 out. 2021.
- SOUZA, A. C. R. **Depressões-morte e luto**: uma abordagem mítico simbólica. 2017. 257 p. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.47.2017. tde-17072017-161609. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-17072017-161609/pt-br.php> Acesso em: 12 out. 2021.
- CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 85-106, jul./dez. 2021 – ISSN 2674-9483**

STEIN, M. **O Mapa da alma**: uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.

STEVENSON, R. L. **O médico e o monstro**. [S. l.]: Melhoramentos, 2013. Kindle E-book.